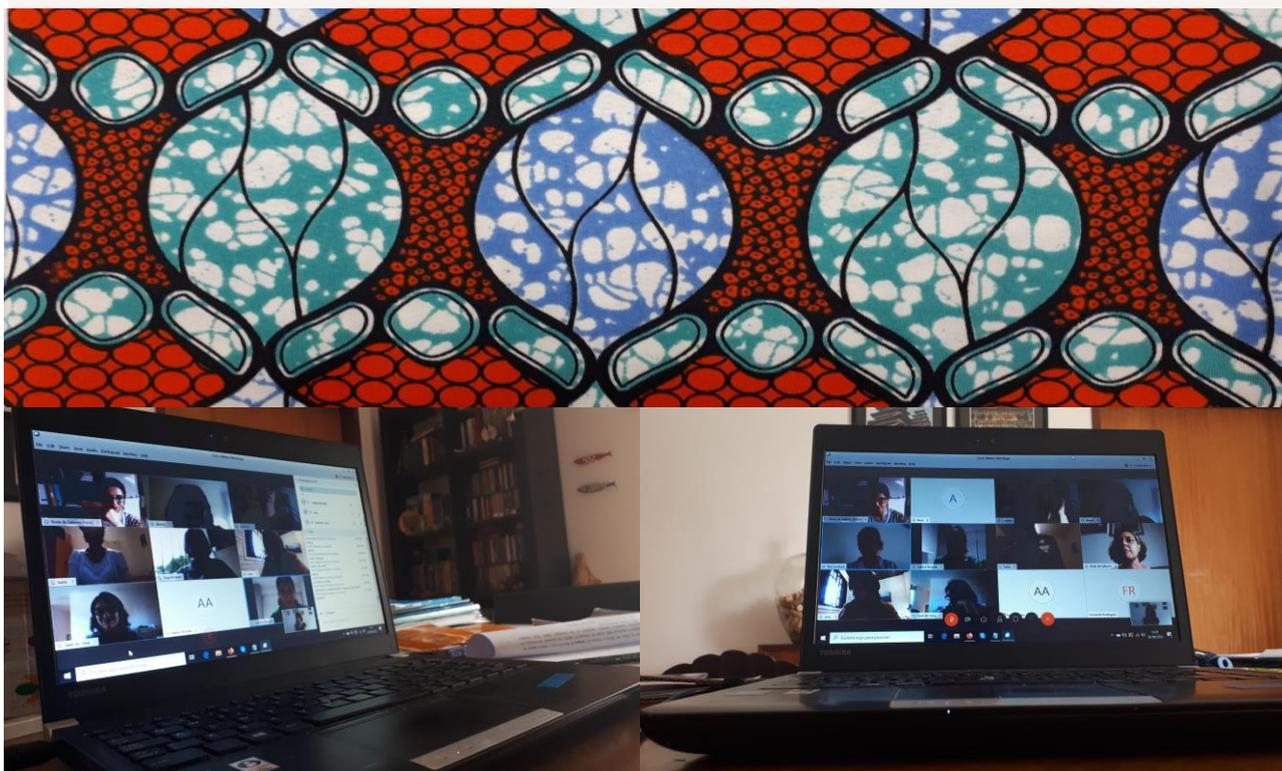


CICLO DE OFICINAS RODA DE SABERES RELATÓRIO DE OFICINA

PESQUISA COLABORATIVA E SABERES DE EXPERIÊNCIA: RECURSOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO BIOGRÁFICA E CARTOGRAFIA - OFICINA 1 -



FACILITADORES DA SESSÃO

Elsa Lechner - <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es/elsa-lechner>

Letícia Renault - <https://www.ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es-em-pos-doutoramento/leticia-maria-renault-de-barros>

INFORMAÇÕES GERAIS

Número total de participantes: 11 (incluindo dinamizadoras e coordenação do Ciclo)

Data: 03/06/2020

Duração: 5h

Hora início: 14h00

ENQUADRAMENTO DA SESSÃO: NOTAS, INTRODUÇÃO, TESTEMUNHOS DOS FACILITADORES

Notas da Coordenação do Ciclo: A Letícia Renault respondeu a um convite que fizemos à comunidade de investigadoras e investigadores do CES, para se proporem a apresentar uma metodologia da sua eleição numa oficina Roda de Saberes. Manifestou-nos o seu interesse e disponibilidade em dinamizar uma oficina que abordasse o método da cartografia, a abordagem enactiva e/ou as metodologias de primeira pessoa. As suas sugestões encontravam, assim, um grande eco nos objectivos do Ciclo de Metodologias Roda de Saberes. Logo nas conversas iniciais com a Letícia, a coordenação do Ciclo propôs a co-dinamização da oficina com a colega Elsa Lechner, que prontamente aceitou o convite. A oficina foi então organizada para favorecer um diálogo profícuo e estimulante entre duas abordagens metodológicas centradas nas pesquisas colaborativas e nos saberes de experiência: a investigação biográfica e a cartografia.

Num primeiro momento, a oficina foi agendada para decorrer em Abril, nas instalações do CES | Alta. No entanto, a pandemia de COVID-19 obrigou a um cancelamento ou re-agendamento de quase todos os eventos presenciais, tendo esta oficina passado para um formato digital e re-calendarizada para Junho. Por se tratar de metodologias profundamente pessoais, individuais, reflexivas, que exigem tempo para amadurecer as partilhas e a criação de novos saberes e conhecimentos, no formato digital optou-se por organizar duas oficinas com um menor número de participantes em cada. O empenho, a disponibilidade e a enorme dedicação da Letícia e da Elsa em todos os momentos deste processo, mas principalmente na adaptação da oficina a um novo formato num muito curto espaço de tempo e no seu desdobramento para duas oficinas no mesmo mês, não podem deixar de ser realçadas, deixando a coordenação o seu agradecimento às colegas.

Esta foi a proposta que a Letícia Renault e a Elsa Lechner nos apresentaram:

“Partindo de uma reflexão sobre o valor epistemológico e biopolítico de práticas colaborativas de investigação, esta Oficina propõe discutir coletivamente o lugar da experiência na produção de conhecimento em ciências sociais e em psicologia. Através de um diálogo entre duas abordagens metodológicas colaborativas nas quais a experiência ocupa um lugar privilegiado – a pesquisa biográfica e a cartografia –, os/as participantes da Oficina são convidados/as a refletir sobre como o tema da experiência se articula com as ferramentas teórico-práticas que utilizam nas suas pesquisas.

Para tanto, no seu formato digital a Oficina propõe como ponto de partida um exercício inspirado no instrumento de trabalho colaborativo das oficinas biográficas; pedimos aos participantes da Oficina que nos enviem antecipadamente um pequeno texto de caráter autobiográfico motivado pelas seguintes questões: qual o lugar da experiência nas suas estratégias de produção de conhecimento? Quais os pressupostos teóricos subjacentes ao seu trabalho com/sobre a experiência? Quais os efeitos éticos e/ou epistemológicos que podem advir da consideração da experiência no seu trabalho? Quais os desafios teóricos e práticos que enfrenta nas suas práticas concretas e que têm relação com o papel desempenhado pela experiência (sua e/ou dos participantes da pesquisa) no seu trabalho académico?

A Oficina estará dividida em duas partes. Na primeira, tomaremos como ponto de partida as narrativas enviadas previamente pelos participantes. A discussão coletiva suscitada pelos textos autobiográficos servirá como forma de acolher as questões, interesses e dificuldades dos/as participantes da Oficina e uma forma de apresentar os pressupostos teórico-práticos das oficinas biográficas e da abordagem da cartografia.

Apresentaremos também exemplos concretos de pesquisas conduzidas pelas dinamizadoras – no caso das oficinas biográficas, a partir de investigações com participantes migrantes, e, no da cartografia, em uma pesquisa-intervenção participativa na área de saúde mental. Tal discussão coletiva procurará colocar em prática as diretrizes de ambas as metodologias, baseadas no acolhimento de experiências concretas e na partilha da produção de conhecimento.

Na segunda parte da Oficina, exploraremos as ressonâncias da discussão realizada na primeira parte da Oficina, propondo-se uma avaliação conjunta das relações entre a experiência das facilitadoras e dos/as participantes em diferentes abordagens metodológicas; procuraremos também consolidar uma avaliação relativamente às possibilidades de utilização e aos limites das ferramentas metodológicas da pesquisa biográfica e da cartografia.”

DESCRIÇÃO GERAL DA SESSÃO

Após uma breve apresentação do Ciclo de Metodologias “Roda de Saberes”, dos seus formatos e dos diferentes recursos criados, a oficina inicia-se com uma breve apresentação

das facilitadoras, da estrutura geral da oficina e das normas a seguir no formato digital para tentar assegurar uma maior qualidade na gestão das intervenções. Realça-se como aspecto positivo a presença de caras familiares e da continuidade que as presenças regulares permitem ao diálogo. Nota-se ainda o aspecto positivo do formato digital, que permite a participação de pessoas em diferentes áreas geográficas.

A facilitadora Elsa Lechner inicia a oficina apresentando o protocolo das oficinas biográficas, um fazer partilhado, que será para colocar em prática, neste espaço e neste tempo da oficina. Refere que o protocolo tem um carácter muito prático e que a proposta concreta é criar uma roda de saberes sobre o trabalho de investigação, a partir dos saberes do grupo. Nota que será uma novidade e um desafio implementar o protocolo, sempre circular e horizontal, numa dimensão impessoal causada pela distância física.

O ponto de partida é a forma como cada uma/um trabalha a questão do saber de experiência nas suas investigações e que saberes de experiência trazem para o grupo. Propõe o protocolo que tem utilizado nas oficinas biográficas desenvolvidas por si, e que decorrem desde o início dos anos 2000. Estas oficinas desenvolvem-se não a partir das ciências sociais (sociologia e etnografia), mas a partir da formação com uma psicóloga social, Jeanne-Marie Rugira, sobre rodas biográficas como método de investigação. Propõe-se a aplicação deste protocolo na oficina. Cada uma/um vai partilhar no grupo o testemunho de relação de trabalho com os saberes de experiência e todos vão oferecer ao narrador/a a sua ressonância sobre o que acabaram de ouvir. Ou seja, propõe-se que a oficina seja estruturada em três momentos:

- 1) Apresentação de cada uma/um, e das suas motivações e interesses de investigação;
- 2) Pequeno exercício em silêncio de escuta e de presença (escuta activa) - momento de ressonância;
- 3) Partilha de testemunhos.

Realça-se o facto de que o protocolo normalmente decorre ao longo de muito tempo, num método duplicado: exercício-ressonâncias, exercício-ressonância. Refere-se a importância de cada um/a partilhar com o grupo a motivação para participar nesta oficina, algo que se configurará como um momento edificante. Será a partir dessas motivações, e experiências pessoais, que iremos trocar experiências e aprender mais sobre o nosso 'fazer investigação' e perceber onde poderemos usar estes métodos no nosso trabalho.

A facilitadora Letícia apresenta-se e refere brevemente as origens dos métodos de cartografia inspirados no trabalho dos filósofos Deleuze e Guattari. Refere que é um método pouco ortodoxo, não exclusivo da psicologia (a sua formação académica), e que, ao contrário das oficinas biográficas, não conta com um protocolo mas antes com algumas directrizes; tem um horizonte de entendimento e sensibilidade. Uma das suas principais directrizes é que a cartografia não é um caminho de representação da realidade mas antes de experimentação. Cruza-se com o método das oficinas biográficas em vários pontos; um dos pontos de contacto é o da experiência.

Elsa Lechner enquadra a metodologia das oficinas biográficas num trabalho centrado no corpo como 'lugar de experiência', inspirado no trabalho de Merleau-Ponty: o conhecimento encarnado. Deste modo, o primeiro exercício de apresentação não é uma mera formalidade mas uma apresentação a partir desse lugar de implicação da pessoa no tema específico da Roda de conversa. É pedido que cada um/a se ancore em si mesmo/a como objecto de trabalho e nos projectos de investigação. A apresentação é não formal mas de articulação directa com o tema que se explora. A facilitadora da roda actua como a maestra dessa Roda – ressalva que nesta roda estará estrangida pelo meio virtual.

É pedido ao grupo que a escuta seja muito activa. Que haja um registo de ressonâncias e de impressões, sensações, emoções. Em conjunto construir-se-á um saber a partir da Roda, um conhecimento que é novo e que é o resultado das ressonâncias de cada participante relativamente aos relatos e ecos das/os outras/os. Deste modo, o trabalho é exponencial e colaborativo.

Inicia-se a roda com a apresentação pessoal de cada participante, que a faz seguindo as orientações fornecidas anteriormente. Pede-se aos restantes elementos do grupo que façam uma escuta activa, anotando o que salta à atenção, os comentários e ideias que surgem enquanto se ouve e se escuta atentamente.

As facilitadoras realçam o facto de que a limitação de tempo desta oficina não permite fazer um segundo exercício de partilha-escuta activa-ressonância, como é habitual nas oficinas que conduzem no âmbito dos seus trabalhos de investigação. Mas, apesar dessa limitação, o protocolo a aplicar será baseado no método das oficinas biográficas e da cartografia, nos quais se procura definir um problema e cruzar experiências.

Depois de uma etapa de relatos pessoais e ressonâncias do grupo, a oficina decorreu com uma conversa sobre temas que emergiram dessas partilhas. [Nota da Coordenação do Ciclo: uma vez que cada apresentação contém relatos de experiências pessoais, optou-se por não se incluir neste relatório o conteúdo dessas apresentações, assim como se excluem partes das conversas subsequentes.]

Após um curto intervalo, a Elsa nota que a limitação do tempo obriga a saltar um segundo passo do protocolo: o da experiência de escuta ancorada no corpo, de forma colectiva, em grupo. A oficina passa então para a etapa seguinte, com a orientação da facilitadora Letícia.

A Letícia dá início à segunda etapa da oficina, a mais colaborativa, uma vez que procurará cruzar as experiências que foram partilhadas de forma individual. Refere uma das directrizes da cartografia: traçar um problema, tirar de uma experiência comum um campo problemático. Faz a procura de um saber relacional: na cartografia importa definir o problema; nas oficinas biográficas constrói-se um saber que pode vir a ser analítico a partir da experiência, do saber empírico dos participantes na roda de conversa. A questão que a cartografia traz para esta oficina é “nesta experiência da roda, o que se tornou problemático?”. Ou seja, procura-se perceber, a partir das falas individuais, o que ressoa, o que faz sentido para cada um/a de nós, em relação às nossas experiências? o que faz sentido da experiência dos outros/as?

Inicia este exercício notando que algo que surgiu em vários relatos apontou como problema um certo “engessamento” das áreas de pesquisa, as dificuldades sentidas no campo da comunicação, em trazer a experiência para o campo. Por exemplo, falou-se de frustração no campo da formação de professores, na inadequação dos currículos de pedagogia. Sente-se em várias falas uma frustração com a lógica produtivista que vem dominando a academia e a necessidade de a combater. A esse propósito, uma participante referiu a “imposição” do mundo: de como o mundo se impõe com as nossas experiências, tornando necessário lutar para manter a coerência. Para a Letícia, o ponto comum nas partilhas individuais é uma certa incompatibilidade entre a nossa experiência como investigador/a e o campo, seja o campos mais disciplinar ou o da academia. Deste modo, propõe como problema este tema e abre a discussão para o grupo.

Uma participante fala a partir da área da comunicação, referindo uma contradição entre o trabalho que é imposto como imparcial, como tendo uma falsa noção de objectividade, que

na realidade não existe. No jornalismo, como na investigação, cada pessoa leva a sua bagagem, as suas vivências, as suas experiências. Tenta-se reproduzir, na formação, um sistema cartesiano que não ressoa em muitas pessoas, nem dá conta de toda a complexidade que se tenta abarcar. A contradição entre a objectividade e a neutralidade que não existe mas que é exigida a quem faz investigação. Uma das exigências vem das fontes de financiamento, que muitas vezes não assumem que o conhecimento, a produção de saber, está enraizado nas nossas experiências. [Nota da Coordenação do Ciclo: este é um problema que tem vindo a ser explorado nas tertúlias do Ciclo.]

Convidam-se todas as pessoas do grupo a entrarem numa proposta de diálogo e trazerem os seus prazeres. A participação vem no sentido de os participantes validarem o problema (ou tema, usando a terminologia da pesquisa biográfica), para que se possa co-construir um novo saber. Traça-se o paralelismo entre o trabalho colectivo da roda e a participação nos processos de investigação. Pergunta-se como ampliar o processo de participação; dá-se como exemplo a participação das comunidades em projectos governamentais na procura de uma determinada solução. Nota-se que nestes como em outros casos, o problema da participação é que nem sempre é realmente participativa. Muitas vezes chega a ser uma participação orientada, subvertendo a lógica da participação.

Uma facilitadora nota a diferença entre o plano teórico, de fazer um trabalho participativo num contexto pouco democrático, e a prática, a aplicação de uma metodologia participativa, que poderá fazer a diferença, porque as pessoas, tendo algo a dizer, irão partilhar. No entanto, aplicar abordagem participativa num contexto pouco participativo exige mestria, vai depender da Arte da metodologia, da interlocução para a participação. Lembra dois conceitos importantes da pesquisa biográfica: a Reciprocidade Assimétrica (e ideia do Dom, de que estamos ao serviço uns dos outros, damos qualquer coisa) e a Mutualidade de Competências.

Fala-se de como as parcerias com colegas ou outras pessoas e a inovação podem ajudar a ultrapassar dificuldades e tornar as práticas verdadeiramente participativas. Uma participante refere como estratégia possível o “jogar no campo”, ou seja, integrar e combinar metodologias participativas e mais inovadoras com metodologias mais “tradicionais” e “aceites”. Fala de metodologia híbrida, não usual, que conflui redes epistemológicas num campo de pesquisa.

Traz-se o tema da finalidade da investigação, do tipo de ciência que queremos fazer e que valores nos guiam. As nossas escolhas das metodologias têm muito a ver com estas escolhas. No entanto, estas afirmações continuam a ser invisibilizadas pela academia. No trabalho colaborativo há também uma etapa de reflexão sobre o que é partilhado, uma construção de conhecimento feito a partir das partilhas das experiências das pessoas com quem trabalhamos, com as nossas próprias experiências e de trabalhos de outros/as autores/as e/ou áreas científicas. A interdisciplinaridade traz uma grande riqueza, permite construir um produto que é diferente mas que é reconhecido para a prática, a acção, mas que depois muitas vezes esbarra na incompreensão de uma academia ainda muita dividida em disciplinas. Ou seja, muitas vezes torna-se difícil comunicar, publicar este tipo de trabalhos. [Nota da Coordenação do Ciclo: este tema tem estado muito presente noutras oficinas e tertúlias do Ciclo.]

Realça-se a indefinição sobre a experiência, do papel da experiência pessoal na forma de fazer pesquisa. Fala-se no reconhecimento da dimensão relacional do mundo. A incorporação das diferentes experiências depende de quem está a investigar - “a experiência do outro só existe na minha experiência da experiência do outro” e por isso outro/a observador/a irá ter uma experiência diferente e por isso irá assumir uma experiência diferente. Para a cartografia, a experiência não é um objecto ou uma propriedade do sujeito; há uma dimensão impessoal, no entre, que não pertence a ninguém. Há uma impossibilidade de definir de quem é a experiência.

Uma participante define a experiência como uma “cebola”. Nas diversas camadas que compõem a cebola, há uma metáfora para as dimensões reflexivas entre o ser e o estar. Por outro lado, a cebola faz chorar, é indigesta para algumas pessoas. Refere ainda que nem sempre a experiência do colectivo é desejável, particularmente em realidades que são mais oprimidas pelo colectivo. Por exemplo, a pandemia mostrou-nos que a individualidade é um luxo. Muitas vezes as comunidades sentem que o colectivo invade a individualidade; podem sentir-se expostas, invadidas. “O colectivo é transgressor” - o que construímos juntos/as torna-se desafiador, logo, a experiência histórica de potencializar a individualidade, silenciando o colectivo. Fala-se nas experiências femininas e da dimensão transgressora das Rodas. Uma participante partilha no *chat* que pensa “na questão de género sempre quando, em comunidades, as mulheres e mães são protagonistas do seu mundo e de sua luta diária”. Outra participante fala que a escrita e a vivência feminina é uma experiência biográfica, trazendo a luta de muitas pessoas para o momento presente.

Fala-se ainda na questão da ausência: experiência da ausência e a ausência como algo que se tem. Quando uma experiência é um episódio avassalador, de grande impacto, a vivência foca-se na sobrevivência e não sobra muito espaço entre as camadas (da cebola) para outras experiências. Refere-se novamente na importância da nossa experiência (de vida) como meio que nos habilita a ouvir e fazer sentido das experiências do outro. Há uma transpessoalidade, como neste modelo da roda, que é uma ecologia de saberes. É referido o conceito de “comunidade de pensamento” e como ele nos traz a importância de saber ouvir, de conhecer e integrar diferentes formas de ver e de interpretar a realidade. A importância de tentar dialogar.

Uma das facilitadoras deixa uma nota metodológica: o exercício de escuta é condição *sine qua non* para encontrar caminhos em momentos difíceis. São os designados “espaços de *epoché*” - uma pausa para escutar o silêncio e a partir dele se poder construir e antever algo de novo. Um exercício que não tem pressa em encontrar respostas, detém-se em identificar qual o objectivo qual a intenção do trabalho, da nossa intervenção.

Uma das facilitadoras partilha que “de tantas coisas, uma que ressoou: a experiência resultante da capacidade de nos expormos, como se só fosse possível experienciar se tivermos a capacidade de nos expormos, seja qual for o nosso lugar ou papel”. Fala-se sobre a vulnerabilidade do observador, a propósito do qual se lembra o trabalho da antropóloga Ruth Behar, “*The vulnerable observer*”. Nota-se que “sermos vulneráveis como investigadoras constitui uma força”. Refere-se que a escuta revela a responsabilidade face à vulnerabilidade do outro, a responsabilidade face ao sofrimento do outro. É lançada na conversa a questão do poder no trabalho de investigação colaborativo e sobre saberes de experiência - “Não podemos impor a nossa experiência e alguém que nos relata a sua experiência. Porque a sua experiência é única.” [Nota da Coordenação do Ciclo: a relação entre poder e investigação foi tema central nas primeiras tertúlias do Ciclo.]

Refere-se a dualidade ‘poder-vulnerabilidade’ e da coragem necessária para expormos as nossas vulnerabilidades. A Letícia lembra que uma das directrizes da cartografia diz que todo a produção de conhecimento é também reinvenção, através do qual transformamos o mundo. Quem vai para o campo tem também que estar vulnerável à transformação, a deixar-se afectar pelas experiências dos outros. Fala-se sobre posicionalidades, a responsabilidade na escuta, o que escolhemos ser na escuta. No *chat*, uma participante partilha a necessidade de nos expormos (“Tem que se expor, se esvaziar para encher novamente, e esvaziar de

novo.”), lembrando ainda o que Edward Thompson afirma: a experiência como conceito ausente.

Uma participante partilha excertos de um texto de Larossa (2002):

“o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar [...] o sujeito da experiência é, sobretudo, um espaço onde têm lugar os acontecimentos.” (Larossa, 2002, p.24)

Ainda:

“Seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “im-posição” (nossa maneira de impormos) nem a proposição (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.” (Larossa, 2002, p.25)

A Elsa lembra o conceito de Hermenêutica Carnal:

‘No ensaio de abertura [Vallée, M.-A. (Org.). *Du texte au phénomène: parcours de Paul Ricoeur*. Paris: Mimésis, 2015], “Penser la chair avec Ricoeur: entre phénoménologie et herméneutique”, Richard Kearney reconstitui as fases que se sucederam na trajetória de Paul Ricoeur. Nos anos 1950, a influência da fenomenologia transcendental de Edmund Husserl e da ontologia existencial de Gabriel Marcel marca as publicações iniciais do filósofo. Inspirado na fenomenologia do corpo (desenvolvida por Husserl e Merleau-Ponty), na ideia de encarnação de Marcel e nas análises do cogito encarnado de Maine de Biran, Ricoeur elabora asserções promissoras acerca da significação carnal em sua tese de doutoramento, *Le volontaire et l'involontaire* (1950), primeiro volume do tríptico *Philosophie de la volonté* (1950-1960). A partir dos anos 1960, sem perder de vista os fundamentos do pensamento

husserliano, suas reflexões desviam dessa fenomenologia seminal rumo a uma hermenêutica ontológica mediada pela linguagem. Mostrando como essas duas fases dialogam com escritos mais tardios de Ricoeur, em particular *O si-mesmo como outro (Soi-même comme un autre, 1990)*, o objetivo do artigo é desenvolver o conceito de hermenêutica carnal.' (Carvalho, 2016).

Pegando no ponto da coragem necessária à exposição das nossas vulnerabilidades, uma participante refere a coragem envolvida no trabalho de investigação, de não sabermos o que vamos encontrar. Uma dimensão de aventura subjacente ao trabalho de campo, de irmos sem conseguirmos controlar tudo. A Letícia nota que a cartografia evita os protocolos também para não perder essa dimensão da aventura na produção de conhecimento.

A Elsa fala na questão da narrativa nas oficinas biográficas como outra dimensão da pesquisa colaborativa e da importância do trabalho interdisciplinar e colaboração também da sociolinguística e outras disciplinas. A partilha de histórias, o contar histórias (*storytelling*), e a troca de experiências são também instrumentos ricos de trabalho na pesquisa sobre saberes de experiência. Recordar-se a importância da presença, da voz, de como ela legitima a luta, tanto na arena académica como na social. É pela insistência que poderemos dar visibilidade aos problemas que identificamos e podemos lutar e procurar alternativas - "Vamos com o que podemos".

Como notas finais é referido que esta é uma proposta metodológica de trabalho colaborativo, que "ninguém sai daqui igual; todas aprendemos umas com as outras e todas nos podemos expor, vulnerabilizar ou fortalecer de uma nova maneira após esta experiência".

REFLEXÕES E QUESTÕES EMERGENTES

A facilitadora Letícia partilhou com a Coordenação do Ciclo a seguinte reflexão: Realizar uma oficina em formato digital foi uma experiência desafiadora para mim. Novas modalidades de atenção e de cuidado são demandadas nesse formato à distância e esta oficina foi a primeira que realizamos em conjunto sob essas condições. Apesar das dificuldades e dos aprendizados "em situação", a oficina mostrou o seu potencial, mesmo sendo realizada digitalmente. A partilha de experiências e afetos, a escuta atenta e a disponibilidade dos participantes operaram a produção de conhecimento, ou, ao menos, a produção de interesse por temáticas que atravessavam os diferentes trabalhos de investigação. O surgimento desse interesse e a

capacidade de mobilização desta oficina fizeram-me considerar o uso das metodologias sob um ângulo novo. Acredito ser importante explorarmos possibilidades, antes impensadas para mim, da sua utilização em formato digital. Esta oficina despertou o meu desejo de refletir mais sobre as adaptações necessárias para aproveitar as potencialidades desse formato e minimizar suas dificuldades.

REFLEXÕES DA COORDENAÇÃO DO CICLO: DESAFIOS E PROPOSTAS EMERGENTES

A conversa a partir das partilhas fez ressoar alguns temas que têm vindo a ser abordados ao longo do ciclo, noutras oficinas e nas tertúlias: a lógica produtivista da academia, a expectativa de uma investigação neutra, objectiva e descontextualizada, as dificuldades de reconhecimento da inovação metodológica e do trabalho interdisciplinar (pelas editoras científicas, pelas fontes de financiamento), as relações de poder na investigação. Nota-se a necessidade de união, de colaboração na luta por outras formas de fazer ciência, mais comprometida com os saberes de experiência e com uma efectiva participação das pessoas e comunidades envolvidas. Sobressai também uma certa relação entre o poder terapêutico destas metodologias colaborativas e participativas, permitida pela horizontalidade entre investigador/a e participantes, e a sua capacidade de gerar novo conhecimento. Anota-se a vontade de se poder alargar estas partilhas a um trabalho coletivo extra-oficina.

AVALIAÇÃO, COMENTÁRIOS FINAIS E SUGESTÕES DE MELHORAMENTO

Um breve questionário online foi enviado as/os participantes logo após a oficina e foram recolhidas 5 respostas. Destas, 20% declaram-se completamente satisfeitas/os, 40% bastante satisfeitas/os e outros/as 40% mais ou menos satisfeitos com a estrutura e dinâmica geral da oficina. Quanto à relevância/pertinência dos conteúdos para a sua prática profissional/investigação, 60% avaliaram-nos como completamente pertinentes, 20% como bastante pertinentes e 20% como mais ou menos pertinentes. Quanto ao equilíbrio entre as componentes teórica e prática da sessão e à adequação da componente teórica, 20% das respostas indicam total satisfação, 40% bastante satisfação e 40% alguma satisfação. Relativamente à adequação da componente de avaliação teórica da sessão, 60% das respostas revelam total satisfação, 20% alguma satisfação e 20% pouca satisfação. No que diz respeito à adequação e natureza dos exercícios práticos, 20% das respostas revelaram total satisfação, 60% bastante satisfação e 20% alguma satisfação.

O desempenho das dinamizadoras foi avaliado positivamente (40% completamente

satisfeito, 40% bastante satisfeito e 20% mais ou menos satisfeito). Relativamente à satisfação geral com os contributos do grupo e com os diálogos e reflexões gerados na sessão, 40% das respostas revelaram total satisfação e 60% bastante satisfação. A maioria das respostas revelou total satisfação (60%) com a qualidade dos diálogos gerados na sessão, e uma menor percentagem bastante satisfação (20%) e pouca satisfação (20%).

As/os participantes declararam ter muito interesse (60%) ou bastante interesse (20%) em participar noutras oficinas do Ciclo, tendo 20% declarado uma moderada intenção de participar. A maioria está disponível ou interessada/o em envolver-se em novas colaborações ou projetos com a metodologia apresentada (40% totalmente disponível e 60% bastante disponível) e em recomendar a sessão a outras pessoas (60% recomendaria fortemente, 20% recomendaria bastante e 20% recomendaria).

Do ponto de vista da avaliação qualitativa, sublinham-se como pontos positivos a satisfação geral e capacidade de adaptação ao meio virtual (“A Roda está se adaptando muito bem ao formato digital!”) e como notas negativas os constrangimentos à plena participação causados pela duração da oficina, que foi registado pelas organizadoras também como sugestão para melhoramento futuro (“É necessário melhor planeamento acerca das necessidades de tempo para realização de todas as atividades de forma que a participação de todos seja plena.”).

BIBLIOGRAFIA REFERIDA

BEHAR, Ruth. “The Vulnerable Observer”: <https://sites.lsa.umich.edu/ruth-behar/the-vulnerable-observer/>

CARVALHO, Candice Angélica Borborema de. “A Fenomenologia Hermenêutica de Paul Ricoeur”. *Itinerários, Araraquara*, n. 43. jul./dez. 2016. 217-220, pp. 217-218: <https://core.ac.uk/reader/268127820>)

KEARNEY, Richard. “Strangers, Gods, and Monsters: Interpreting Otherness”: https://books.google.pt/books/about/Strangers_Gods_and_Monsters.html?id=BsKFSSQd9UcC&redir_esc=y

LAROSSA, Jorge. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19. jan./fev./mar./abr. 2002. 20-28. (<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>)

Thompson: a experiência como conceito “ausente”: in THOMPSON, Edward. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 180.

OUTROS RECURSOS PARTILHADOS

<https://www.youtube.com/TamanhoGrandeDoc>

<https://www.youtube.com/pesquisagorda>

PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO DO RELATÓRIO

Data de elaboração do relatório: 15/07/2020

Relatório produzido por: Rita Campos, Ana Teixeira de Melo, Patrícia Silva, Elsa Lechner, Leticia Renault

Relatório validado pelos facilitadores: Sim Não
